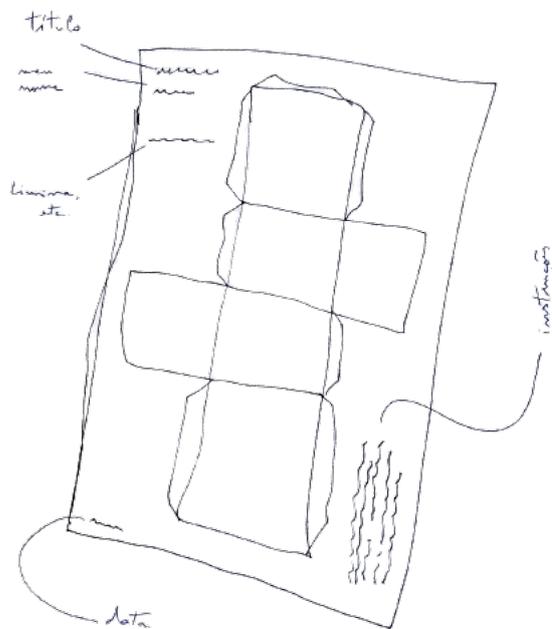


**Pedro Eiras**

*Para guardar o silêncio, 2024*

Folha de papel A3



© Pedro Eiras

O desafio era este: criar uma montra. Não escrever – como habitualmente – no papel, no ecrã (embora textos escritos também fossem bem-vindos: folhas, tinta, as letras no espaço; o que quer que eu desejasse – tudo era bem-vindo). Criar uma montra, ocupar estes metros, caixa discreta, recanto. E havia um tema: o silêncio. O desafio era este: dizer o silêncio numa montra.

Mas o silêncio não nos é dado. Sabemos, desde John Cage, que estamos imersos no som. Que, mesmo fechados numa câmara anecóica, isolados do mundo exterior, ainda ouvimos pelo menos isto: a electricidade no nosso





atingimos, mas é ele que nos arrebatava. Nunca o atingimos, mas de repente olhamos para trás e vemos que já percorremos um longo caminho.

Como se poderia dizer o silêncio numa montra, se não se pode ouvir o silêncio, se não se pode dizer o silêncio? Porque basta esta palavra – *silêncio* –, dita em voz alta, lida em voz alta, para desfazer o próprio silêncio. E mesmo que os lábios se fechem, que as cordas vocais fiquem inertes, basta os nossos olhos verem a palavra na página, no ecrã, para alucinarem o som, para ouvirem as sílabas, na fantasmagoria de um som presente através da própria evocação.

Qualquer palavra apaga o silêncio, e a palavra *silêncio* desfaz o silêncio em sons, toada, ritmo – fraca forte fraca fraca –, música virtual num corpo concreto. (Poderia ser um *koan* do budismo zen: *diz o silêncio – usando palavras.*)

\*

Como dizer o silêncio numa montra? – Não se pode, é impossível. – Mas o impossível também faz parte da nossa condição. – Etc., etc. E eu, que nunca até este convite pensei criar uma montra!, como poderia agora expor aquilo que nem sequer conheço?

A instalação *Para guardar o silêncio* propõe, sobre um fundo negro, um cubo branco. Um cubo de montar, como na infância; uma brincadeira. Uma folha que se recorta, dobra, cola, para criar um cubo, forma geométrica, recorte do espaço, fronteira: dentro – fora. Um título, como uma instrução: este cubo é *para guardar o silêncio*, dentro.



Claro, não há silêncio no interior deste cubo. Talvez os sons do mundo exterior fiquem apenas um pouco mais abafados? Não importa. Se o silêncio é um produto do nosso imaginário, imaginemos então que o podemos guardar, entre seis faces de papel. No mundo estridente que nos cerca, este cubo propõe um pequeno esconderijo, um abrigo para a quimera, um memorial para a nossa fantasia.

Faz de conta, faz de conta.

\*

*Para guardar o silêncio é uma montra – uma instalação – um jogo infantil, no mais alto sentido da palavra – um paradoxo. É um gesto impossível, mas que acredita na importância do impossível nas nossas vidas governadas pelo estritamente possível (pelo razoável, pelo lógico, pelo é-assim-que-se-faz).*

É um *koan* transformado em montra. É uma memória de John Cage.

É isto assim tal e qual é.

É o silêncio.

Não é o silêncio.

É o silêncio.

Sim.



[**Pedro Eiras (1975)** Desde 2001, publicou livros de poesia (*Inferno, Purgatório, Paraíso...*), ficção (*Bach, A Cura, Cartas Reencontradas de Fernando Pessoa, O Mapa do Mundo...*), teatro (*Um Forte Cheiro a Maçã, Uma Carta a Cassandra, Um Punhado de Terra, Bela Dona...*), ensaio (*Tentações, Os Ícones de Andrei, Constelações, Língua Bífida, A Linguagem dos Artesãos...*) e outros géneros mais difíceis de definir. Tem livros publicados no Brasil e em França, Inglaterra, Itália, Roménia, poemas traduzidos em sete línguas, peças de teatro encenadas ou lidas em dez países. Com *Inferno* ganhou o Prémio Literário António Cabral, e com *Esquecer Fausto* o Prémio Pen Clube Português de Ensaio. É Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.]

